

O OBSTÁCULO COMO SEGUNDA MORTE NOS TEXTOS DOS SARCÓFAGOS: CASO DE APEP COMO PERSONIFICAÇÃO DE INIMIGO*

Catarina Apolinário de Almeida**

Resumo: *Apep é a serpente que diariamente ameaça o nascer do sol e, conseqüentemente, em contexto funerário, o renascimento do morto, que, ao integrar a comitiva da Barca Solar, assim alcança o ciclo cósmico que lhe garante a eternidade. O primeiro registo conhecido dessa criatura surge no Primeiro Período Intermediário, e nos Textos dos Sarcófagos do Império Médio dá-se um importante desenvolvimento simbólico. No presente artigo será analisado o papel e simbologia de Apep nesse corpus textual, com o objectivo de identificar as principais linhas que subjazem à sua conceptualização desde os estádios mais iniciais. Procurar-se-á compreender, especificamente, como na dimensão cósmico-mitológica egípcia se torna símbolo de inimigo.*

Palavras-chave: *Antigo Egipto; Textos dos Sarcófagos; Apep; segunda morte; inimigo.*

THE OBSTACLE AS SECOND DEATH IN THE COFFIN TEXTS: APEP AS AN EMBODIMENT OF THE ENEMY

Abstract: *Apep is the serpent that daily threatens the sunrise and, consequently, in a funerary context, the rebirth of the dead who, as entourage of Solar Boat, thus attains the cosmic cycle and eternity. The first known record of this creature was found during the First Intermediate Period and, in the Middle Kingdom's Coffin Texts there is an important symbolic development. In this paper it will be analyzed the role and symbology of Apep in this textual corpus, aiming to pinpoint the main lines that underlie its conceptualization from the earlier stages on. It seeks to understand specifically how it becomes a symbol of enemy in the Egyptian cosmic-mythological.*

Keywords: *Ancient Egypt; Coffin Texts; Apep; second death; enemy.*

* Recebido em: 14/12/2019 e aprovado em 13/02/2020.

** Investigadora do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3299-3353>.

O tema de Apep, ou Apópi, a serpente monstruosa que diariamente ameaça o nascimento solar, é fundamental para a compreensão da problemática mitológica do caos no antigo Egípcio. Dado que se trata de um motivo mitológico que transparece essencialmente na literatura funerária, centraremos a nossa análise nos *Textos dos Sarcófagos* do Império Médio, visto que é nesse conjunto de textos que encontramos as mais antigas referências a essa criatura. Nesse sentido, iniciaremos o presente artigo com a caracterização sucinta dos *Textos dos Sarcófagos*, seguida da análise do papel e da simbologia de Apep nesse *corpus* textual, com o objectivo de reflectir sobre as principais linhas que subjazem à sua concepção desde os estádios mais iniciais, procurando compreender, especificamente, de que forma a sua percepção na mundividência cósmico-mitológica egípcia a torna símbolo de inimigo na literatura funerária.

De facto, a primeira menção é do Primeiro Período Intermediário, ou Período das Regiões, e encontra-se no túmulo de Ankhtifi, em Moalla. A ausência de Apep em fontes anteriores ao Império Médio pode relacionar-se com a questão do *decorum* (BAINES, 1990) das restritas fontes da cultura de elite que sobreviveram do Império Antigo. As referências ao Além na Literatura funerária anterior, os chamados *Textos das Pirâmides*, são escassas, sendo aí sugerida uma concepção de Além essencialmente celestial. As mudanças durante o Primeiro Período Intermediário terão tido impacto importante nas concepções religiosas e no próprio sistema de *decorum*, sendo possível que essa figura tenha sido incluída nos textos da cultura de elite durante esse período (MORENZ, 2004, p. 202).

1. Os *Textos dos Sarcófagos* e os perigos na Duat: Apep como obstáculo cósmico

A designação moderna de *Textos dos Sarcófagos* é atribuída a um grupo de fórmulas e recitações, de natureza mágico-ritual, usado como equipamento funerário durante o Império Médio (dinastias XI-XIII; c. 2055-1650 a.C.). Essas fórmulas encontram-se pintadas sobretudo em sarcófagos de madeira de privados da elite (especialmente nas necrópoles do Médio Egípcio), apesar de haver alguns registos em paredes tumulares e outros objetos funerários, como vasos de vísceras e estelas ou papiros (HORNUNG, 1999, p. 11). São textos compostos em egípcio hieroglífico médio cursivo, ainda que haja alguns exemplos em hierático. Há cerca de 1185 fórmulas

(DE BUCK, 1935-1961), mas estas não eram usadas todas simultaneamente, sendo o seu arranjo bastante variável. Nessa medida, encontramos algumas com várias atestações, enquanto outras dispõem apenas de uma.

Algumas fórmulas ostentam títulos que definem a sua função e algumas incluem mesmo instruções de uso. Há até algumas, como a *TS335*, que apresentam glosas explicativas das passagens mais obscuras. Algumas são monólogos de divindades, com as quais o morto se identifica (geralmente, iniciam com a fórmula “Eu sou...”), outras são diálogos entre divindades, operando numa lógica de, segundo Assmann, “interpretação sacramental” (ASSMANN, 2001, p. 99-101). Escassas têm vinhetas (imagens), entre as quais se destacam os mapas desenhados no fundo dos sarcófagos e que são parte integrante de uma secção dos *Textos dos Sarcófagos* designada de *Livro dos Dois Caminhos* (LESKO, 1971; 1972; HORNUNG, 1999, p. 11).

Mesmo não sendo narrativos, esses textos fornecem dados muito relevantes para a reconstituição da mundividência egípcia. Alguns dos principais temas são a Criação, a Enéade Heliopolitana com Atum-Ré, Chu e Tefnut em destaque, e as transformações do morto.

Um outro tema muito desenvolvido é o dos perigos enfrentados pelo morto (PINCH, 2002, p. 13-15) durante a sua transição para o Além, onde tanto poderá atravessar o céu como deus-sol Ré, integrando a tripulação da barca solar, quanto trilhar o Mundo Subterrâneo como Osíris. Ambas as versões do destino final do morto, que não surgem exatamente como alternativas, mas possibilidades simultâneas e, frequentemente, amalgamadas, resumiam imagens que simbolizam o triunfo sobre a morte e a deterioração, propondo um entendimento do Além, e da vida eterna, alicerçado na ideia de que o morto, na sua manifestação plena, e se reunir as condições necessárias, ou seja, se for um indivíduo puro, provido dos preparativos rituais necessários e de oferendas, será capaz de ver os deuses e viver entre eles.

Assim como o destino final do morto não é linear, também os perigos que ele enfrenta são protagonizados por diferentes elementos e entidades. Numa perspectiva osíriaca que privilegia uma noção essencialmente ctónica da transição, esses perigos vão desde obstáculos topográficos, como caminhos confusos, escuridão e lagos ou círculos de fogo, a encontros com os guardiões das portas do Além, da Duat, perante os quais o morto tem que garantir a passagem, socorrendo-se de apelos como “Façam-me o caminho, preparem-me o caminho” – leia-se, “deixem-me passar” –, seguidos de justificação de idoneidade.

Numa perspectiva solar, em que o caminho se identifica fundamentalmente com a viagem da barca solar que cumpre o seu périplo diário, é Apep o principal obstáculo, o grande perigo para Ré, o seu arqui-inimigo:

TS80 (B1C)

II37

f) *jw*t=j *šm*(w)=j

Eu vou e venho.

g) *w*p=j *w*z.t n r^c *škd*=f r *šh*.t *jmnt*.t

Eu abro o caminho para Ré quando ele navega no Horizonte Ocidental.

h) N *wj* r *šr*.t=f^c.*wy*=j *hr*=f

N, eu estou na sua narina (e) os meus braços carregam-no

i) *nḥm*=j *sw* m-^c *ʿ*zpp

(para) que o possa proteger de Apep,

II38

a) *sd*z=f r *šh*.t *jmnt*.t

quando ele viaja para o Horizonte ocidental.

b) *sw*z \bar{d} =j *b^cn*.t *jm*(y).t *mskt*.t *jm*(y).t *m^cnd*.t m *nf*.*wt*=j

Eu faço prosperar o pescoço que está na Barca da Noite (e) que está na Barca do Dia pelos meus sopros

c) *pr*(=w) *mjn* m *jmnt*.t m *j^cbt*.t m *h*.t *n*(y).t *nw*.t

saidos hoje do Ocidente (e) do Oriente no corpo de Nut.

d) *m*sw=j r^c *nb*.

Eu nasço a cada dia.

Para os antigos egípcios, a realidade cósmica não era essencialmente espacial e material, mas temporal e performativa, sendo o seu símbolo mais evidente o ciclo solar que ecoa o momento mítico da criação, da primeira alvorada, a “primeira vez” em que raiou o sol, reatualizada diariamente. De acordo com a concepção cosmológica aludida na fórmula, o Sol nasce da deusa celeste Nut, de manhã, regenerado, a Oriente, e é engolido pela mesma deusa no ocaso, a Ocidente, percorrendo durante a noite o seu corpo estrelado. É durante essa viagem noturna que o recontro com o monstro Apep se dá. Este é aqui apresentado como o inimigo de Ré, por excelência.

2. Apep: a serpente ruidosa ininteligível

A sua grafia, $\square \square \overline{\text{U}}\Omega$ (GARDINER I14), corroborada por imagens posteriores do Império Novo, indica uma natureza ofídica. Trata-se provavelmente de uma serpente de água, ou melhor, das caóticas águas primordiais do Nun que foram o seu berço e são a sua residência, como é sugerido pelo seu epíteto de “Banco de Areia”, o primeiro de todos a ele associado em Moalla (PINCH, 2002, p. 107) e tornado mais evidente em passagens como a da fórmula seguinte:

TS1094 (B1B0) [Livro dos Dois Caminhos]:

VII374

a) mk N pn j=y hr=k m šmsw=k pj jn grh m-m jr(w).w htp.t

Vejam este N, vindo até ti neste cortejo que é teu destinado à noite, entre ‘Aqueles que prepararam as oferendas’.

b) jw N pn hz=y m wjz r^c

Este N desceu para a barca de Ré (...)

376

a) sdm.n=f mdw hjw hr(y) w^cr.t wr.t mht(y).t dwn.t

depois de ele ter ouvido a voz do monstro que está sobre a grande planície norte dos domínios estrangeiros.

b) jn N pn nhm r^c m ^c nšn n(y) ^czpp

Foi este N que salvou Ré da tempestade (=fúria) de Apep

377

a) n hr=f m jnt.t=f

(porque) ele não caiu na sua [de Apep] amarra.

b) jn N pn šd hrw

Foi este N que cessou o tumulto.

É, como se depreende, um ser particularmente barulhento que vive na escuridão. A questão do ruído parece também refletir-se no seu nome. Uma teorização recente (MORENZ, 2004, p. 202-203) sugere a possibilidade de Apep ser uma palavra compósita, consistindo de dois elementos: ^cz “grande” e pp “rugido, tagarelar, balbuciar”, uma espécie de onomatopaica que procura transmitir o som inarticulado desse monstro. A combinação da paragem glotal fonética com o *ayin*, usada para caracterizar línguas estran-

geiras, reforça essa noção, colocando a possibilidade de o nome significar “aquele que gagueja ou balbuceia mais”. Sendo que a ordem depende da comunicação, a anticomunicativa Apep personaliza a sua antítese.

Outra possibilidade, unicamente referenciada no Templo de Esna (HORNUNG, 1982, p. 158), é a de que esse “balbuciar” ou “expectorar” remete para o acto de cuspir da saliva da deusa Neit nas águas primordiais do Nun, no momento da criação, que terá dado origem a essa criatura (SALES, 1999, p. 401). Gostaríamos, contudo, de sublinhar a importância da associação de Apep ao ruído, no sentido de que o balbuciar barulhento e ininteligível pode ser entendido como uma marca de marginalidade da grande serpente. A incomunicabilidade radicaria então na percepção da serpente como uma configuração simbólica análoga à do estrangeiro, que ecoa a própria ideia grega de “bárbaro” e que evoca Babel.

A noção egípcia de cosmos coloca o povo egípcio e os estrangeiros numa luta perpétua pelo equilíbrio e pela manutenção da ordem. O rei, com o qual o morto se identifica na literatura funerária, tem consignado o papel de campeão da harmonia, e os “outros” estrangeiros são os que causam distúrbios e a ameaçam, surgindo, assim, como agentes da desordem (VALBELLE, 1990, p. 45 e 47). As fronteiras do Egito, tal como as fronteiras da Duat, devem ser protegidas desses agentes, sendo nos espaços liminares, mais vulneráveis pela potencial permeabilidade, que a luta se encrespa. O domínio de Apep é, precisamente, o da fronteira entre o transitório e o contínuo, a mesma fronteira que separa a ordem do caos e o existente do não-existente. Nessa linha, retoma, na nossa perspectiva, a funcionalidade mágica dos grupos AAA das fórmulas e serpentes dos *Textos das Pirâmides* (STEINER, 2011, p. ix-x), ao mesmo tempo que se aproxima do processo de identificação de Set como burro que zurra, *hiw*, nos *Textos dos Sarcófagos* (WARD, 1978, p. 23-24). Ou seja, na nossa perspectiva, não se trata meramente de um ruído cuja magnitude é medida pelo volume sonoro, mas pela ininteligibilidade, que não procura uma caracterização fisionômica, mas da sua natureza. O ruído sublinha a sua essência excêntrica, anticósmica, enquadrando essa criatura numa percepção egípcia mais abrangente de inimigos “barulhentos” que se desenvolve durante o Império Médio, na linha proposta por Rizzo (2008, p. 45):

Cette image de l'ennemi – “bruyant” par nature – formerait, dans la phraséologie pharaonique, une sorte de négatif de celle de l'homme

auditor pour qui l'écoute attentive constitue une vertu cardinale. Ces figures antithétiques semblent refléter un prototype d'oppositor issu du monde des dieux dans lequel Seth, le "bruyant" (hrw), le "forte n gueule" (Sd-xrw)s'opposerait à l'image du «maître du silence», personnifiée par Osiris, ou encore Amon.

De facto, como constatamos ainda na passagem TS1094 - VII376a, Apep encontra-se associado aos domínios estrangeiros, sinónimo do inimigo no antigo Egipto e, enquanto criatura hostil, uma outra característica temível é o seu "olho malévolos" (BORGHOUTS, 1973, p. 120). É associado ainda a fenómenos extraordinários e especialmente perigosos no contexto da ordem cósmica. Na fórmula TS1069 [*Livro dos Dois Caminhos*], lemos a esse propósito:

VII322 (B2L)

f) N ʕšz jr(w) hrw p.t N ʕšz jr(w) hrw p.t

N é o lagarto que criou o estrondo do céu,

g) sʕr(w) mʕʕ.t n rʕ dr(w) pḥty ʕzpp

que apresentou Maet a Ré, que repeliu a violência(=ataque com força física) de Apep,

h) wbz(w) hjz ḥsf(w) nšn

que abriu o firmamento, que expulsou a tempestade

i) sʕnh(w) js.t rʕ

(e) que faz viver a tripulação de Ré.

Sendo antítese de Ré, é antítese da ordem. A perturbação da viagem solar levaria a uma desordem do ciclo cósmico e de *maet*. As estrondosas tempestades e os eclipses eram encarados como episódios dessa eterna luta, correspondendo a momentos transitórios, marcados pelo escurecer, durante os quais a peleja pendia para o lado de Apep (SALES, 1999, p. 103): os inevitáveis amainar da intempérie e descortinar do sol sinalizavam e garantiam o triunfo de Ré e a manutenção de *maet*:

TS681 (B1B0)

VI308

i) rwḏ Ø kʕsw mʕʕ.t

Que se estenda a corda de Maet

j) ʕzpp ph.n sw N
(porque) quanto a Apep, N agrediu-o.

TS957 (P.Gard.III)

VIII 72

k) [hpr m mʕ.t]

TRANSFORMAR-SE EM MAET.

(...) VIII 74

e) jwn jr.ty=k

Abre os teus dois olhos

f) jwn=f ʕz.wy hr=j

(para que) ele abra os dois batentes da porta diante de mim

g) tm snd=j

(e) que o meu medo cesse!

h) ʕzpp nwd(=w)

Estando Apep vacilante,

i) n s[pw=k] mʕz mʕ.t rʕ

[tu] não verás [nunca] Maet (nem) Ré.

j) tm(w) snd=k rʕ

Que cesse o teu medo, Ré,

k) hup(w) hr htp(w) mʕ.t

(para que) Hórus fique satisfeito (e) que Maet fique satisfeita.

3. Repelir Apep, neutralizar o inimigo

Assim, fazer *maet*, ou seja, manter a ordem, implica repelir Apep, o caos. Para que os deuses (incluindo os mortos bem-aventurados, *akhu*) do Além, do Ocidente, rejubilem e para que o morto possa viajar com segurança e “ser encontrado por Ré”, Apep, “O Grande Rebelde”, tem que ser repellido, queimado e neutralizado, inclusive ritualmente (PINCH, 2002, p. 108).

TS414 (BL)

V244 a) hsf ʕzpp m wjz n(y) rʕ

REPELIR APEP DA BARCA DE RÉ.

(...)

246 a) j snw.t jptw n(y).t r^c jm(y)-wr.t ^cz wzd.t ^cz.t t3-wr ^cz wr.t ^cz(.t)
Oh este séquito de Ré no grande estibordo da grande proa (e) no grande bombordo da grande barca-uret,

b) m3 wj m w^c w^c=y

observem-me enquanto o 'Único singular'.

c) jw mdw.n n=j r^c

Ré falou para mim

d) jw hsf.n=j sbj

(e) eu expulsei o Rebelde,

e) jw sdy.n=j ^czpp

eu tornei Apep impotente

247

a) jw nhm.n=j prr h3.t m p.t m hnw tph.t sbj

(e) eu ajudei quando o fogo jorrou do céu do interior da caverna do Rebelde,

b) dd.n=f sbj(w)=f r r^c

(porque) eu tinha dito que ele se rebelaria contra Ré

c) dd.n=f jr(w)=f ^cw3 r=f

(e) eu disse que ele cometeria um assalto contra ele.

d) h3(j) rf r^c m nfrw

Que Ré desça então na barca-neferu

e) n^c(w)=f hr(y) h.t-wt.t

(para que) ele possa navegar sob a iaret-khet-utet

f) h^c(w) jm(y).w ns.wt jmn.t

(e) que 'Aqueles que estão nos tronos do Ocidente' possam aclamar.

248

a) hp m htp r3

Viaja em paz, Ré.

b) gm(w)=k wj

Possas tu encontrar-me.

Novamente aqui se reitera, através do epíteto de “Rebelde”, o carácter liminar, disruptivo e anticósmico da serpente e a sua identificação com o inimigo. Essa conceção mitológica traduzia-se nos templos, e sobretudo

durante procissões e festas lunares (HANSEN, 2001, p. 297), nos rituais de execração, durante os quais eram perfurados, esquartejados, cuspidos e queimados desenhos ou modelos de cera dessa criatura (WILKINSON, 2003, p. 223).

No *Livro de Abater Apep* (Papiro Bremmer-Rhind BM10188, Tebas, c. 312 a.C. - Período Ptolomaico), são convocadas as mais temíveis divindades para combater e destruir os diversos aspetos do seu Ser, como o corpo (*khet*), o nome (*ren*), a sombra (*chut*) e a sua magia (*heka*) (CARRIER, 2015, p. 47).

O monstro virá a ser depois representado em vários túmulos do Império Novo, e na vinheta do Capítulo 17 do *Livro dos Mortos*, esquartejado por Set na proa da Barca ou decapitado por Ré, em hipóstase de gato *icnêumon*, sob a árvore *iched* “na noite de fazer guerra e de repelir os rebeldes”, representando o triunfo de Ré e da ordem de *maet* sobre o caos simbolizado por Apep. Mas já nos *Textos dos Sarcófagos* a interligação com o ritual de faz sentir:

TS1100 VII

417

b) *N tn ḥsf(w) nbḏ.w jwṯ(y.w) ḥsf=sn*

É esta N que rechaça os Destruidores que não foram repelidos.

c) *m ḥzḡ ḥr=j*

Não venhas sobre mim,

418

a) *dwn(w) ḥzṯ[.t] rs ḥr*

“Tu que esticas o arco”, “Tu de rosto vigilante!”

b) *jm(j) ḥpr=f ḥctj m ḥnmm.t hrw ḏsr nṯr*

Que se não aconteça a cegueira para o Homem, no dia sagrado do deus.

c) *jr jw.t=k*

Se tu vens

419

a) *m ḥfẓ.t nb(.t)*

como uma qualquer serpente,

b) *m(w)t(w)-kẓ ṛ*



Ré morrerá

c) *sft-kz=t(w) ʿzpp*


(e) *Apep será sacrificado.*

d) *jrj(j) h.t jm=f m-hnw nm.t hw*

*Que o ritual seja feito com ele no interior do Matadouro do Protector
(?).*

Parece ser uma força essencialmente destrutiva, uma espécie de aniquilador absoluto, de agregador dos poderes da escuridão, da dissolução e da não-existência (WILKINSON, 2003, p. 221). De facto, não era uma divindade e nunca foi representado em estátuas ou recebeu culto próprio, nunca apresentando o determinativo de divino  (GARDINER R8) ou  (GARDINER A40).

Apep nunca morre, apesar de aprisionado, perfurado e esquarterado. Apep não tem princípio nem fim, pertence à homogeneidade inalterável do não-criado, e, nessa medida, é indestrutível. Não se trata da eternidade partilhada por deuses e mortos bem-aventurados, *akhu*, que repousa no alternar de morte e ressurreição e que se repercute num ciclo de renovação constante, mas da perenidade imutável do não-existente (HORNUNG, 1982, p. 158-160).

Apep é aquele que liderava as forças rebeldes, o opositor do sol e da ordem que sintetiza simbolicamente todas as forças caóticas inimigas, traduzidas em derrota pelo determinativo  (A14). O “inimigo” é o protótipo de tudo o que se opõe ao movimento e raiar do sol, ao renascimento (do sol e do morto), identificando-se com todo obstáculo que é obscuro e que o trava (ASSMANN, 1989, p. 104). Personifica *isefet*, a força entrópica da desordem que se opõe à ordem de *maet*, condensando na esfera cósmica a tendência para a desintegração que Lamentações como Neferti, com referência explícita ao ocultar do sol como elemento de desordem, descrevem numa esfera social. Ou seja, o processo cósmico, o ciclo solar, não pode por si só continuar; precisa de ser ativado e mantido, tal como a ordem social não persiste por si, mas precisa de um governo forte para se sustentar. Como resume Assmann (1996, p. 189):

The purpose of the state is the aversion of “chaos”, and this chaos is represented as the quintessence of all evil. But this idea of chaos should not be confused with cosmogonic chaos, the primal state of

the fore-world from which sprang the order of creation. Cosmogonic chaos is amorphous primal matter devoid of any connotations of evil or imperfection (such as those that resonate in the biblical tohu-bohu). The chaos that the Middle Kingdom pits itself against is not cosmogonic, but “cratogonic”: the opposite of chaos is not the birth of a world but the establishment of a rule. [...] The creator, in the form of the sun god and wearing the deadly insignia of kingship, contests evil. The sun god disseminates light – that is, justice, the life-giving force that guarantees order and “meaning” against the ubiquitous threat of evil, embodied in the form of a monstrous water serpent.

Bickel (1996, p. 227-228) adianta mesmo que Apep não é mencionado em contexto cosmogónico, estando apenas presente desde que o universo encontra o seu ritmo de funcionamento regular, pelo que a sua acção destrutiva se desenvolve e é motor da luta incessante pela vitória, afirmação e reactualização da ordem. Nesse sentido, Apep representa, em última análise, a fragilidade e vulnerabilidade dessa ordem que é preciso combater como a um inimigo.

A noção de renascimento aqui subjacente consubstancia-se no morto que vai “sair à luz”. Ao constituir o maior obstáculo à transição da barca solar, e, conseqüentemente, do morto que nela embarca, Apep é personificação privilegiada da noção de “morte enquanto inimigo” (ZANDEE, 1960) e é o obstáculo que o morto tem que enfrentar com, e como, Ré para permanecer a seu lado:

TS752 VI381

a) j nṯr.w j[r(y)].w ʕz.w n(y).w [...].w r3.w

Oh deuses [encarre]gados das portas [...] gansos-ro,

b) s3z(w).w sb3 pw n(y) pr.t r p.t

que guardam esta porta da subida para o céu,

c) wn.w n=j ṯp(r)(y)=j t3w.w ḥr(y).w-jb n(y).w mw.w

abram para mim (para que) eu possa respirar o ar que está no meio das águas

d) d3(w) wj3 wj m ḥ3.t=f

(e) que a barca faça a travessia comigo à sua proa.

e) N jr(y) smj.w m dp.t nṯr(y).t

N é o responsável pelo aparelhamento da barca divina.

f) $jw=j \quad \underline{hn}=j \quad jw=j \quad rh=kw \quad jth$

Eu remo (porque) eu sei estender (o cordame).

g) $jw \quad ns.t=j \quad m \quad wjz$

O meu trono está na barca.

h) $jw=j \quad \underline{hmw}=kw \quad m \quad r3-^c \quad \underline{hrp} \quad srk.t-ht.(w)t$

Eu sou perito na arte de comandar “Aquele que faz respirar as gargantas”.

i) $jh \quad shty=j \quad ^c3pp$

Portanto, eu repelirei Apep

j) $jw=j \quad hr \quad d3.t \quad hr.t$

enquanto atravesso o firmamento.

k) $n \quad jdn(w)=t(w)=j \quad m \quad jtr.w \quad hr(y).w$

Eu não serei substituído sobre os rios superiores

l) $jw=j \quad rh=kw \quad nmj \quad n(y) \quad htp$

(porque) eu conheço o sustento de Hotep.

[...]

p) $r3 \quad n(y) \quad ^c k \quad r \quad jmn.t \quad m \quad šmsw \quad n(y) \quad r^c \quad r^c \quad nb$

FÓRMULA PARA ENTRAR NO OCIDENTE NA COMITIVA DE RÉ A CADA DIA.

Só o morto preparado, ou seja, armado com magia e o conhecimento necessários sobre o Além, podia ultrapassar esse perigo e vencer o caos:

TS 1089 (sarcófago B4B0-fem.)

VII 367 a) $d \quad jn(w).t \quad n=k \quad N \quad tn \quad dhwt$

Permite que esta N te seja trazida, Tot

b) $N \quad tn \quad wn(w) \quad dw3.t$

(porque) esta N abriu a Duat!

c) $R^c \quad st3 \quad tp=k$

Ré levanta a tua cabeça

d) $skd(w) \quad N \quad tn \quad m \quad wj3=k$

Para que esta N navegue na tua barca.

368 a) $jr \quad w3.t=k \quad m \quad p.t$

Faz o teu caminho no céu

b) *h3(w).t n.t skdd(w).t=k jm=s m grh*

Cujas águas descem (e) nas quais tu navegas na noite!

[...]

b) *N tn rh(w) hsf 3pp hrw[=f]*

Esta N conhece como repelir Apep (para que) que [ele] recue!

O morto que tripula a barca solar não só venceu os obstáculos e inimigos que se interpuseram no seu caminho, como continua a contribuir ativamente para o esforço de rechaçar Apep, impedindo-o de abrir uma brecha isefética na ordem estabelecida.

É o sangue de Apep, derramado durante o combate, que mancha o céu do amanhecer (ACÚRSIO, 2001, p. 85) e que marca o irromper de Ré vitorioso do útero de Nut para mais um dia e do morto, que “sai à luz” para a eternidade. Aqui se entronca a interessante teorização de Ann Macy Roth (1992, p. 139-140), que desenvolve, a propósito de um instrumento usado no ritual de Abertura da Boca, também ele englobado no mesmo contexto simbólico de renascimento do morto, a ideia de que o cordão umbilical pode ser relacionado com Apep, na medida em que para o ser potencial se tornar efetivo e existente, tem que vencer o não-existente indiferenciado (o caos homogêneo incriado) que Apep representa. No nascimento, essa diferenciação é conseguida pelo cortar do cordão umbilical que prende o recém-nascido às águas criadoras do útero, tornando-o um ser diferenciado e específico. O processo de esquartejar Apep parece mimetizar, em contexto de (re)nascimento (do sol ou do morto, são equivalentes), o nascimento de uma criança, que, por sua vez, remete para toda a conceptualização cosmogônica.

4. Conclusão: vencer Apep como renascer eterno

À semelhança do deus solar, que viaja durante a noite no seio de Nut para renascer revigorado na manhã seguinte, também o morto para renascer enquanto *akh*, isto é, um ser eterno que integra a comunidade divina do Além, tem que cumprir a transição, recheada de perigos, e enfrentar Apep. O rebelde inimigo, incompreensível e temível como um estrangeiro, cujo repelir é garante da manutenção da fronteira entre o caos e o cosmos.

Tal como o deus solar criador emergiu das escuras águas do caos na inauguração do cosmos, constituindo o arquétipo do ciclo solar que repro-

duz a luta cósmica quotidiana para a manutenção desse cosmos, também o morto submerge no caótico, mas fecundo, estado da morte para emergir vitorioso como ser eterno transfigurado. A interrupção da transição em ambos os casos (sol e morto) significaria o fim da vida: não derrubar Apep implicaria para o morto a exclusão da comunidade divina do Além e a “Segunda Morte” (*mwt m whm*), a destruição absoluta, sem hipótese de renascimento para a vida eterna. A derrota de Apep é, assim, símbolo maior da vitória diária da ordem sobre a desordem, da vida sobre a morte.

Documentação escrita

ALLEN, J. P. *The Egyptian Coffin Texts*. Middle Kingdom Copies of Pyramid Texts. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 2006. V. 8.

CARRIER, Cl. *Textes des Sarcophages du Moyen Empire Égyptien*. Mônaco: Éditions du Rocher, 2004. 3 v.

_____. *Le Papyrus Bremner-Rhind*. Le Livre du renversement d’Apopis. Paris: MdV Editeur, 2015. T. II.

DE BUCK, A. *The Egyptian Coffin Texts*. Chicago: The University of Chicago Press, 1935-1936. 7 v.

FAULKNER, R. O. *The Ancient Egyptian Coffin Texts*. Spells 1-1185 & Indexes. Oxford: Aris & Phillips, 1973.

Referências bibliográficas

ACÚRSIO, M. K. Apopi. In: *Dicionário do Antigo Egipto*. Editado por Luís Manuel de Araújo. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 85.

ASSMAN, J. *The search for god in Ancient Egypt*. New York and London: Cornell University Press, 2001.

_____. *The mind of Egypt*. History and meaning in the time of the pharaohs. Cambridge and London: Harvard University Press, 1996.

_____. *Maât*. L’Égypte pharaonique et l’idée de justice sociale. Paris: Julliard, 1989.

BAINES, J. Restricted Knowledge, Hierarchy, and Decorum: Modern Perceptions and Ancient Institutions. *JARCE*, Cairo, v. XXVII, p. 1-23, 1990.

BICKEL, S. *La cosmogonie égyptienne*. Avant le Nouvel Empire. Freiburg, Schweiz: Univ.-Verl; Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1994.

- BORGHOUTS, J. F. The evil eye of Apophis. *JEA*, Londres, v. 59, p. 114-150, 1973.
- CLARK, R. T. R. *Myth and Symbol in Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson, 1978.
- FAULKNER, R. O. The Bremner-Rhind Papyrus III: D. The Book of Overthrowing Apep. *JEA*, Londres, v. 23, n. 2, p. 166-185, 1937.
- FRANCO, I. *Rites et croyances d'éternité*. Paris: Éditions Pygmalion/Gérard Watelet, 1993.
- HANSEN, N. B. S. In: REDFORD D. B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 296-299. V. 3.
- HORNUNG, Erik. *The Ancient Egyptian Books of the Afterlife*. New York and London: Cornell University Press, 1999.
- _____. *Conceptions of God in Ancient Egypt*. The one and many. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1982.
- LESKO, L. Some observations on the Book of Two Ways. *Journal of the American Oriental Society*, Ann Arbor, v. 91, n. 1, p. 30-43, 1971.
- _____. *The Ancient Egyptian Book of Two Ways*. Berkeley: University of California Publications, 1972.
- MORENZ, L. D. Apophis: On the origin, name, and nature of an Ancient Egyptian anti-god. *JNES*, Chicago, v. 63, n. 3, p. 201-205, 2004.
- PINCH, G. *Egyptian mythology*. A guide to the gods, goddesses, and traditions of Ancient Egypt. Oxford University Press, 2002.
- RITNER, R. K. *The mechanics of Ancient Egyptian practice*. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 1993.
- RIZZO, J. Qui sont les ennemis xrw? In: MÉNARD, H.; SAUZEAU, P; THOMAS, J.-F. (coords.). *Le conflit et sa représentation dans l'Antiquité*. Montpellier: Presses Universitaires de la Méditerranée, 2008, p. 43-59.
- ROTH, A. M. The psš-kf and the 'Opening of the Mouth' Ceremony: A Ritual of Birth and Rebirth. *JEA*, Londres, v. 78, p. 113-147, 1992.
- SALES, J. C. *As divindades egípcias*. Uma chave para a compreensão do Egípcio antigo. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.
- SPENCER, A. J. *Death in Ancient Egypt*. London: Penguin Books, 1982.
- SMITH, M. *Traversing eternity*: Texts for the afterlife from Ptolemaic and Roman Egypt. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- STEINER, R. *Early Northwest Semitic serpent spells in the Pyramid Texts*. Indiana: Eisenbrauns, 2011.

TAYLOR, J. H. *Death and the afterlife in Ancient Egypt*. Chicago: The Chicago University Press, 2001.

VALBELLE, D. *Les neuf arcs*. L'égyptien et les étrangers de la préhistoire à la conquête d'Alexandre. Paris: Armand Colin, 1990.

WARD, W. A. The Hiw-Ass, the Hiw-Serpent, and the God Seth. *JNES*, Chicago, v. 37, n. 1, p. 23-24, 1978.

WILKINSON, R. H. *The complete gods and goddesses of Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson, 2003.

ZANDEE, J. *Death as an enemy: According to Ancient Egyptian conceptions*. Leiden: Brill, 1960.

Notas

¹ Entretanto, alguns outros sarcófagos e respectivas fórmulas foram sendo publicados. O trabalho de De Buck também não inclui os *Textos das Pirâmides*, que ainda apareciam nos sarcófagos do Império Médio misturados com os novos *Textos dos Sarcófagos*. Essa lacuna foi colmatada pela edição de um volume complementar (ALLEN, 2006), no qual constam os *Textos das Pirâmides* ignorados por De Buck.

² Assmann desenvolve esta inter-relação entre nomear ritual e transformação no quadro de constelações míticas: as palavras rituais sagradas introduzem o morto no quadro de constelações, transfigurando-o de modo a que os seus atos se traduzam no universo de significação divino assim atualizado, que, ao integrá-lo, capacita-o para agir de acordo com o papel que assume nessa constelação de referência e de pertença. A sua teorização de interpretação sacramental distingue e interliga dois níveis de representação de sentido: o verbal e o da representação iconográfica. O autor designa essa articulação de “ícone”, concepção pictórica ou ilustração artística de processos e ações divinos que se expressam de forma concreta em textos e imagens (ASSMANN, 2001, p. 107): “Icon: this is the name we have given to the form in which an occurrence in visible reality – in the cult or in the cosmos – is identified as an event in the divine realm according to the principle of sacramental interpretation. This event is represented as an interaction of deities acting in the framework of typical and established roles and constelations” (ASSMANN, 2001, p. 111).

³ Devemos integrar no contexto mais abrangente do Próximo Oriente, que desenvolveu figuras cósmico-mitológicas como Leviathan ou Tiamat, em que a imagem da serpente que simboliza água e fogo é muito comum, imagem que se perpetua em épocas posteriores essencialmente na figura do dragão, que tem como uma das características mais temidas, além do cuspir do fogo, a de aprisionar a água (MORRENZ, 2004, p. 202-203).

⁴ Não é difícil imaginar a afinidade com os bancos de areia escondidos que constantemente ameaçavam as barcas no Nilo.

⁵ Não podemos deixar de mencionar uma outra instância na qual o ruído surge também como perturbação para o deus solar: o episódio da destruição da Humanidade, no Mito da Vaca Celeste.

⁶ De acordo com síntese de Valbelle (1990, p. 45-46): “Qu’elle soit religieuse, funéraire ou magique, elle [la littérature] reflète les thèmes majeures de l’idéologie pharaonique où le roi, le peuple égyptien et les étrangers jouent chacun un rôle immuable dans le drame historique qui a pour sujet unique le maintien de l’équilibre du monde, au prix d’une lutte perpétuelle et sans merci. Dans cette distribution, le souverain est toujours le champion de l’harmonie universelle, les autres – Égyptiens ou étrangers – les fauteurs de troubles. Quelques fois les dieux prennent la place des uns et des autres. Le vocabulaire est déjà fort révélateur. Tandis que l’Égypte est la “(terre) noire” (*kmt*), le reste n’est que «(terre) rouge» (*dšrt*) ou «désert montagneux» (*hꜣst*) et les “étrangers” (*hꜣstyw*) des habitants de ce désert ingrat”. Mas essa referência estende-se aos caminhos inóspitos do Além, onde o deserto é quadro de referência à progressão do morto na zona incerta e hostil, pejada de criaturas selvagens e perigosas, que tem que ser atravessada para que ele possa alcançar o seu destino celeste (FRANCO, 1993, p. 233-234).

⁷ O carácter malévolos do olho encontra-se presente em demónios, deuses e homens, com potencialidades variáveis. O de Set é o mais temido, mas o “olho” de Hórus e Amon pode também ter muito poder destrutivo. De facto, é uma das armas mais importantes dos demónios. Esse perigo podia ser combatido por meios mágicos que o evitam ou o contrariam, mas esta última modalidade só podia ser empreendida por alguém de poder equivalente (BORGHOUTS, 1973, p. 120).

⁸ Tem muitos epítetos, cerca de trinta (ACÚRSIO, 2001, p. 85).

⁹ Inclui os “Lamentos de Ísis e Néftis”, cols. 1-17, o “Ritual para trazer Sokar”, cols. 18-21, o *Livro de Abater Apep*, cols. 22-32 e os “Nomes de Apep”, cols. 32-33 (BM-EA10188,1).

¹⁰ Cols. XXXI-XXXII.

¹¹ Este deus será o sol e toda a frase parece ser no sentido de pedir que o céu seja mantido claro e límpido, sem nuvens. O termo *dšr*, nesse caso, parece jogar com os significados “sagrado” e “limpar, desimpedir”, à semelhança da passagem TS I, 223a (FAULKNER, 1973, p. 157).

¹² Talvez no *Livro das Cavernas* (Túmulo Ramsés IX. XX Dinastia. Vale dos Reis), que incide sobre a aniquilação dos inimigos solares, e no *Livro da Terra* (Túmulo de Ramsés VI. XX Dinastia), que foca essencialmente o nascimento do sol e das suas transformações nocturnas (FRANCO, 1993, p. 118-119) os poderes regenerativos

do caos que ele representa sejam mais enfatizados (ACÚRSIO, 2001, p. 85), sendo que, nas passagens *TS1053 VII305-306* e *TS1145 VII494-495*, parece ser, tal como os guardiões das portas, um garante da segurança do morto, protegendo-o dos indignos que o atacam, logo que este consiga transpô-lo.

¹³ É significativo que o principal propósito dos textos do *Livro de Abater Apep* seja o da protecção mágica do deus solar na sua jornada diária através do céu perante os ataques de Apep, mas que, pelo menos secundariamente, se destine também à protecção do faraó, o representante da divindade solar, dos seus inimigos, mortos ou vivos. Assim o expressa o seu título geral “The Book of the felling of Apep the foe of Re and the foe of King Onnophris, justified which is performed daily in the temple of Amen-Re, Lord of the Thrones of the Two Lands, who dwells in Karnak” (FAULKNER, 1937, p. 166).